

## Pan-africanismo: identidade em questão

Mirla Augusta Moura Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa e discute questões referentes às relações étnico-raciais e a situação do negro na sociedade através de um estudo bibliográfico. Tem a finalidade de repensar a identidade cultural que caracteriza a população brasileira, bem como, buscar respostas para a autoidentificação que cada indivíduo possui de si mesmo. O Pan-Africanismo, movimento cultural que visa à igualdade de direitos e à melhoria das condições de vida do povo negro, foi considerado como referência para esse estudo bibliográfico, juntamente com autores que desenvolvem estudos acerca das temáticas propostas. Por conseguinte, pretende-se verificar como os estereótipos sociais e o conceito de negritude influenciam na construção da identidade cultural de cada indivíduo. Trata-se de uma retomada e da afirmação cultural de origem africana. Embora existam muitas discussões acerca da temática Identidade Cultural, ainda, faz-se necessário tecer algumas considerações, pois as pessoas desconhecem a história de suas verdadeiras raízes. Assim, lançar um olhar atento para as questões da desigualdade social entre negros e brancos na sociedade, demonstra a existência de um novo paradigma da discriminação racial.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Departamento de Ciências da Educação (DCIE), Membro do Projeto Senzala. Grande-Casa Quilombo, vinculado ao Núcleo Artístico da Universidade (NAU) e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) UESC.

Endereço residencial: Caminho 03, Casa 01 (LATERAL). Bairro: Hernani Sá, Ilhéus- BA. CEP: 45656-500.

Endereço eletrônico: milajbv@yahoo.com.br.

Telefone: (73) 9133-1817.

**Palavras-chaves:** Pan-africanismo; Identidade cultural; Negritude.

## **Pan-africanismo: identity in question**

**Abstract:** The present article analyzes and argues referring questions to the ethnic relations-racial and the situation of the black in the society through a bibliographical study. It has the purpose to rethink which is the cultural identity that the Brazilian population characterizes, as well as searching answers for the auto-identification that each individual possesses exactly about yourself. The Pan-Africanismo, cultural movement that aims to the equality of rights and the improvement of the conditions of life of the black people, was considered as reference for this bibliographical together with study and authors who develop studies concerning thematic the proposals. Therefore, it is intended to verify as the social stereotypes and as negritude concept influence in the construction of the cultural and personal identity of each individual. It is about one retaken of yourself, affirming its culture of origin. Although many quarrels concerning the thematic one exist: Cultural identity, still, becomes necessary to weave some considerations, therefore the people are unaware of the history of their true root. Thus, to launch an intent look for the questions of the social inequality between blacks and whites in the society demonstrates the existence of a new paradigm of the racial discrimination.

**Keyword:** Pan-africanismo; Cultural identity; Negritude.

## Introdução

“Quem é você? Quem sou eu?”

São perguntas que frequentemente as pessoas fazem a si mesmas...

“Qual é a cor da sua pele?”

Estas perguntas significam a busca de resposta para descobrir da sua origem, do conhecimento de si mesmo, mais precisamente, de sua identidade. O que é identidade? O que identifica as pessoas?

Essa temática não é fácil de entender. Para compreender o ser humano, além de estudar sua origem animal e seu corpo, é preciso, sobretudo, entender como ele se constitui em um contexto sociocultural. Talvez por isto e pela importância que esta questão apresenta, cresça o interesse pelo estudo científico nesse campo. Psicólogos, sociólogos, antropólogos e outros cientistas têm desenvolvido vários estudos acerca da formação da identidade do ser humano, sobretudo, da cultural, pois, de acordo com Lane (1995), “[...] em praticamente todas as situações da vida cotidiana, a questão da identidade aparece, de uma forma ou de outra...”.

Um exemplo que constata isso é facilmente percebido no processo de revitalização da identidade étnico-racial, pois

[...] várias famílias negras vêm colocando nomes próprios de origem africana nos seus filhos. Também as entidades afro-brasileiras vêm através da dança, da música, da poesia, entre outras manifestações, recontando a história e o processo

cultural do povo negro, que a história oficial ainda não está contando (SILVA, 2001, p. 35, 36).

Significa uma forma de resgate de identidade e, ao mesmo tempo, de fortalecimento da cultura, através do reconto das suas origens, nesse caso, africana, expressa em diversas modalidades linguísticas.

Na perspectiva da psicologia social, a identidade é um fenômeno social que caracteriza o indivíduo a partir de elementos sociais e psicológicos. Apesar do ser humano ser sociocultural, não se pode deixar de considerar o seu aspecto biológico. Afinal, o indivíduo está no mundo por ter um corpo que se apresenta com características físicas distintas, como, por exemplo, a pigmentação da epiderme.

Considerando que os homens juntamente com a sociedade se constituem através de inter-relações sociais<sup>2</sup>, possuindo características próprias de seu universo, a identidade não se forma alheia às questões sociais. Assim, cada comunidade ou pessoa construirá a sua a partir de experiências adquiridas no meio social. No que tange à identidade africana, as discussões giram em torno da singularidade de sua cultura, das experiências da população negra, acumuladas ao longo dos anos, através dos mitos raciais oriundos do escravismo e, principalmente, pela sua estrutura física.

Nesse sentido, as definições estéticas cristalizadas do negro favorecem a presença de estereótipos nas relações sociais. Segundo Silva (2001), os estereótipos, por sua vez,

---

<sup>2</sup> É um sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de atividades culturais. Noutras palavras, é quando o homem está em contato com os aspectos externos do ambiente em que está inserido.

[...] cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse outro sob rejeição ou suspeita. Por outro lado, a vítima do preconceito pode vir a internalizá-lo, auto rejeitando-se e àquele que se lhe assemelha.

Assim, tratar a identidade africana implica refletir como ocorreu o processo de integração do negro na sociedade, considerando as alterações e/ou reformulações nas relações raciais que, segundo Moura (1988),

[...] alimentou as classes dominantes do combustível ideológico capaz de justificar o peneiramento econômico-social, racial e cultural a que ele está submetido atualmente no Brasil através de uma série de mecanismo discriminatórios que se sucedem na biografia de cada negro.

Por conseguinte, é necessário verificar a trajetória do povo negro ao longo dos séculos, ou seja, estudar sobre história da África. Um dos momentos marcantes foi o movimento Pan-Africanista, quando ocorreu a acessão das questões étnico-raciais. Segundo Woddis (1961), “[...] não devemos esquecer nunca que a discriminação racial tem uma finalidade muito mais importante do que a discriminação em si...”.

## Pan-Africanismo: um Breve Histórico

Na história da África, o sistema colonial representou uma estratégia criada pela classe dominante para monopolizar aquele continente, ocupando o seu território e explorando seus recursos naturais, bem como o povo negro, definido como mercadoria. Um dos aspectos mais importantes desta colonização foi a escravatura, com a “exportação” de uma grande parte da população africana para as Américas, com consequências nefastas, tanto para o Continente Negro, como para os descendentes dos escravos, que perduram até hoje.

A exploração desenfreada sobre a África gerou a organização de movimentos de resistência e de independência, ou melhor, a população negra passou a reivindicar melhores condições de vida e a lutar para conquistar o direito à liberdade. Muitos dos objetivos da população negra foram concretizados, entre eles a abolição da escravidão. Embora,

[...] a escravidão franca já não exista, trabalho, recursos e terra continuam sendo as três questões dinâmicas em torno das quais se trava a luta pelo futuro da África, luta essa que, na verdade, se reveste da forma de momento pela independência nacional... (WODDIS, 1961, p. 15).

Dentre os movimentos pela independência do povo africano, destaca-se o Pan-Africanismo. Esta é uma ideologia que propõe a união da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Relativamente popular entre as elites africanas, ao longo

das lutas pela independência, na segunda metade do século XX, é, em parte, responsável pelo surgimento da Organização de Unidade Africana.

Noutras palavras, o Pan-Africanismo foi um movimento social e literário que surgiu em 1900, nas Américas, com os negros Antilhanos. Tinha por finalidade resgatar a cultura africana, bem como, despertar o povo negro para a consciência da realidade e da situação da sociedade. Um fato relevante nesse processo é que o Pan-Africanismo foi mais defendido fora de África, entre os descendentes dos escravos africanos que foram levados para as Américas até o século XIX e dos emigrantes mais recentes. Devido a esse fato, os negros norte-americanos tornaram-se pioneiros do movimento.

Em 1903, a situação começou a mudar. Outros negros (africanos) começaram a integrar-se ao Pan-Africanismo e a liderança do movimento passou a pertencer a W. E. Burghardt Du Bois, considerado o pai do movimento, “que estabeleceu como um grande objetivo subordinar toda a questão africana aos objetivos de ascensão social dos negros americanos e reduziu tudo a uma simples ‘questão de cor’” (MARTINEZ, 1993, p. 48).

Com o Pan-Africanismo os negros encontraram a oportunidade de expressar suas opiniões, de fazer revoluções para reivindicar seus direitos, de lutar contra a escravidão e pelo seu espaço na sociedade enquanto cidadão de deveres e direitos. Nesse sentido,

o grande mérito do pan-africanismo foi o de propiciar aos africanos a oportunidade de tornar a iniciativa na busca das soluções para os

seus problemas. Na identificação e na discussão dos problemas comuns, ficou claro para os representantes africanos que eles teriam de lutar pela independência e que a descolonização teria de ser por eles (MARTINEZ, 1993, p. 49).

Todo e qualquer movimento de descolonização e de independência africana implica em uma série de mudanças nas esferas social, política e cultural de uma sociedade. No entanto, observa-se que no âmbito das relações étnico-raciais as alterações ocorrem em outro ritmo, na maioria, lento. Para Fernandes (1978), essas transformações

[...] histórico-sociais, que alteraram a estrutura e o funcionamento da sociedade, quase não afetaram a ordenação das relações raciais, herdadas do antigo regime. Ela se perpetuou com suas principais características obsoletas, mantendo o negro e o mulato numa situação desalentadora, iníqua e desumana...

A partir desse momento iniciou-se um período de muitas lutas, resistências, sofrimento e sangue. Depois de muitos anos, algumas conquistas foram concretizadas, como, por exemplo, a descolonização dos negros e a valorização da sua cultura. Então, nascem os movimentos sociais, sobretudo, o movimento negro e os quilombos. Vale ressaltar que o quilombo representa, na história do negro, espaço de luta, de concentração do povo ex-dominado e de resistência pela liberdade.

Nas diversas nações que se formaram no mundo, as comunidades negras se organizaram para não



perderem sua unidade cultural. Portanto, o Pan-Africanismo, como movimento sociocultural que visava à igualdade de direitos e à melhoria das condições morais e intelectuais das populações submetidas ao colonialismo, foi considerado como referência mundial na luta pelo resgate e valorização da cultura africana, pelos direitos humanos, bem como, introduziu o conceito de “negritude”.

### **Retomada de si no Contexto Social**

Diante do atual contexto histórico-social caracterizado por vários fenômenos desumanos, o povo negro continua lutando e resistindo aos novos entraves da sociedade contemporânea. Fernandes (1920, p. 161) reforça ao afirmar que negro precisa “[...] vencer a adversidade, a si próprio e a resistência do ‘branco’ para lançar-se na corrente social”.

Por muitos anos o negro foi reduzido, humilhado e desumanizado, acreditando ser um indivíduo inferior aos brancos. Para sair da condição de dominado teria que negar a sua origem e assimilar valores da cultura dos brancos. Por exemplo, “[...] as línguas ocidentais foram bem domesticadas pelos intelectuais negros, além de terem acesso às disciplinas científicas nas universidades européias...” (MUNANGA, 1988, p. 06).

Esse processo de absorção da cultura europeia pelos negros denominou-se de embranquecimento cultural, que está presente até hoje na sociedade brasileira. Os negros precisam seguir um padrão de beleza europeu para serem “bem vistos” perante a sociedade e, assim, tentar ter as mesmas oportunidades dos brancos. Então,

ser negro é vergonhoso?

De acordo com Fernandes (1920, p. 07), existia um

[...] dilema do 'preconceito de cor', ou seja, no que isso significa na sociedade brasileira, da perduração da velha associação entre cor e posição social íntima, a qual excluía o 'negro', de modo parcial ou total (conforme os conhecimentos e os direitos considerados) da condição de gente. Enfim, o dilema que nascia das resistências abertas ou dissimuladas, mas todas muito fortes, em admitir-se o negro e o mulato em pé de igualdade como os 'brancos'.

Mesmo assim e com todo o embranquecimento cultural, no plano social, o tratamento entre brancos, negros e, ou afrodescendentes, ainda é desigual, pois os últimos continuavam a ser recusados e inferiorizados, o que torna a absorção dessa parcela da sociedade mínima nos diversos setores do mercado de trabalho. Para Moura (1988, p. 42),

o problema da assimilação, no seu aspecto lato, tem uma conotação política. A política assimilacionista foi, sempre, aquela que as metrópoles pregavam como solução ideal para neutralizar a resistência cultural, social e política das colônias. O chamado processo civilizatório (as metrópoles tinham sempre um papel 'civilizador') era transformar as populações subordinadas aos padrões culturais e valores políticos do colonizador.

Por um lado, essa medida, supostamente, vislumbrava a aceitação do negro como parte integrante da sociedade, pelo outro, acentuava cada vez mais o preconceito que existia sobre ele, que nenhum tipo de processo conseguiu diminuir. Segundo Dutra (1961, p. 12), “a discriminação racial atende os interesses dos que vivem de lucros porque contribui para manter um sistema de trabalho excepcionalmente barato, que é à base das taxas de lucro excepcionalmente altas”. Então, uma possível solução para essa problemática seria a retomada de si, negando o embranquecimento cultural, qualquer tipo de processo civilizatório e, ao mesmo tempo, promovendo o resgate e a aceitação/afirmação do próprio povo negro pela cultura africana. A este processo de retomada das raízes dessa cultura denominou-se de negritude.

Sem a escravização e a colonização dos povos negros da África, a negritude, essa realidade que tantos estudiosos abordam não chegando a um denominador comum, nem teria nascido. Interpretada ora com formação mitológica, ora como movimento ideológico, seu conceito reúne diversas definições nas áreas cultural, biológica, psicológica, política e em outras. Esta multiplicidade de interpretações está relacionada à evolução e à dinâmica da realidade colonial e do mundonegro no tempo e no espaço (MUNANGA, 1988, p. 05).

O movimento da negritude “[...] desempenhou historicamente seu papel emancipador, traduzido pelas independências africanas e estendeu-se com libertação para todos os negros na diáspora, ainda vítimas do racismo

branco, por exemplo, nas Américas...” (MUNANGA, 1988, p. 07). Trata-se de encorajar o negro a assumir sua negritude que por muitos anos foi motivo de vergonha e símbolo de inferioridade. Dizer que “sou negro e me glorifico deste nome, sou orgulhoso do sangue negro que corre em minhas veias” é afirmar a negritude, ou seja, assumir a sua verdadeira identidade cultural africana.

Dessa forma, a dinâmica do processo de negritude passa a ser uma resposta à discriminação racial, ainda presente na sociedade brasileira. No entanto, Fernandes (1920, p. 161), alerta para “[...] que se tenha em mente que a mobilidade social não constitui em si mesma, índice da inexistência de preconceito e de discriminação racial”, mas sim, uma estratégia para projetar situações que favoreçam o diálogo pela igualdade racial.

A realidade étnica, ao contrário do que se diz,

[...] não iguala pela miscigenação, mas pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não-brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da interiorização que sua cor expressa nesse tipo de sociedade (MOURA, 1988, p. 63).

Com essa fuga simbólica, os negros almejavam compensar-se das perdas que a discriminação social e racial lhes proporcionou ao longo dos anos.

Nesse contexto, Moura (1988, p. 64), entende que a

[...] identidade étnica do brasileiro é substituída por mitos reificadores, usados pelos próprios não-brancos especialmente, que procuram

esquecer e/ou substituir a concreta realidade por uma dolorosa e enganadora magia cromática na qual o dominante se refugia para aproximar-se simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador.

Percebe-se, contudo, que a sociedade brasileira passa por um processo de busca da identidade cultural ou renascimento da cultura africana, pois a autoafirmação tornou-se algo complexo para os cidadãos brasileiros. Portanto, nesse movimento de negritude, o mais importante não é ser negro, mas se assumir enquanto indivíduo negro, assimilando e aceitando a cultura africana para si, como sua identidade.

## Considerações Finais

A discussão sobre o Pan-Africanismo, identidade em questão, implica resgatar a historiografia dos povos africanos. Nesse sentido, milhões de indivíduos em todo o mundo têm consciência dos males impostos pelo sistema colonial aos negros. Com a política do *apartheid* e da discriminação racial, provocaram a justa indignação dessas pessoas para lutarem pelos seus direitos e deveres, pela liberdade e pela valorização de sua identidade.

Apesar de muitas lutas, derrotas e vitórias, o negro, ainda, experimenta o sabor amargo da discriminação racial, sob uma forma distinta: “atender aos padrões de beleza”. Parece contraditório, valoriza-se mais a beleza europeia (“boa aparência”) do que a beleza negra, em

um país em que a maior parte da população é negra. Isto quer dizer que a sociedade tem preferência pela chamada “boa aparência” e para não serem excluído os negros são “obrigados” a ceder ao sistema que lhe é imposto, para ser aceito perante a sociedade.

Apesar de essa questão ser muito forte na sociedade moderna, esse quadro vem sendo alterado constantemente, pois o negro, ao mudar a sua consciência, percebeu que assumir sua verdadeira identidade não é motivo de vergonha, mas sim de orgulho. A discriminação racial pode ser um obstáculo ao desenvolvimento de qualquer comunidade.

É fundamental o respeito, a valorização e o convívio harmonioso das diferentes identidades culturais existentes dentro dos territórios nacionais. O conceito de diversidade cultural permite perceber que as identidades culturais nacionais não são um conjunto monolítico e único. Ao contrário, é preciso reconhecer e valorizar as nossas diferenças culturais, como fator para a coexistência harmoniosa das várias formas possíveis de brasilidade.

A discriminação racial pode ser um obstáculo ao desenvolvimento de qualquer comunidade, e o mais importante desse breve estudo não é julgar uma ou outra identidade cultural, mas promover a retomada de si mesmo, afirmando e assumindo sua verdadeira origem na grande diversidade cultural.

## Referências

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. v. 2. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978. 478 p.

LANE, Silva T. M. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 58-75.

MARTINEZ, Paulo. **África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico**. São Paulo: Moderna, 1992. 72 p.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. Série Fundamentos - 34. São Paulo: Ática, 1988. 250 p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988. 88 p.

SILVA, Ana Célia da. **Descobrimo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001. 93 p.

WODDIS, Jack. **África: as raízes da revolta**. Rio de Janeiro: Zahar Editorial, 1961. 294 p.

